

**roseana murray
elvira vigna**

variações sobre silêncio e cordas



**poemas de roseana murray
desenhos de elvira vigna**



POSLÚDIO

Latuf Isaias Mucci*

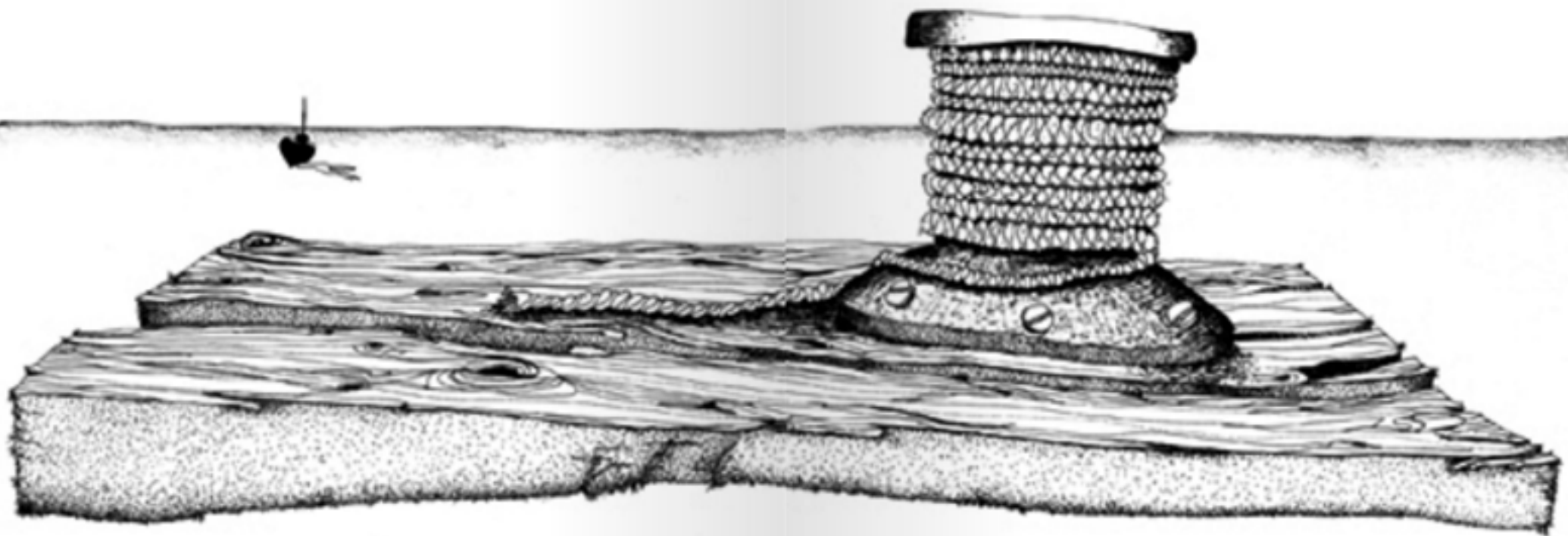
Ao leitor, que terá percorrido estes poemas e estes desenhos, ternamente entrelaçados, digo, e repito, que a viagem, com cordas e silêncio, é ecoada por um arauto, que narra, descreve e orienta. Os passos e compassos, que articulam o texto e o desenho, ressoam um silêncio, íntimo, profundo, meditativo, transmitindo uma sabedoria arcaica. O bico da pena de Elvira Vigna encontra, na pena de Roseana Murray, uma tradução poética sublime, que culmina em poemas, únicos, essenciais, concisos, precisos, inigualáveis.

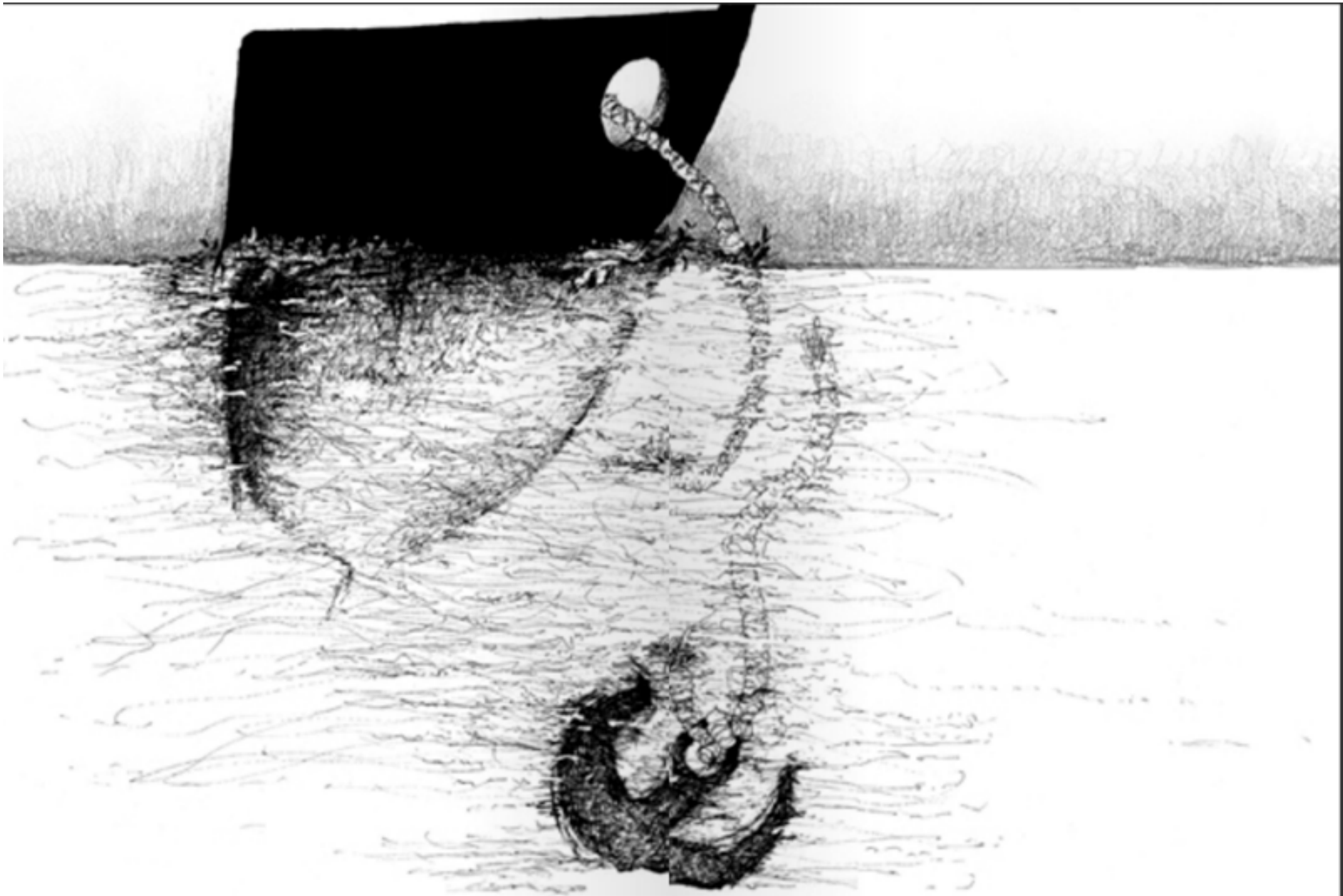
As cordas dos poemas fazem acontecer uma música para quem tem ouvidos de ouvir e olhos de ver. Cordas e recordações: tudo aqui acorda, intensamente, a sensibilidade para a palavra poética.

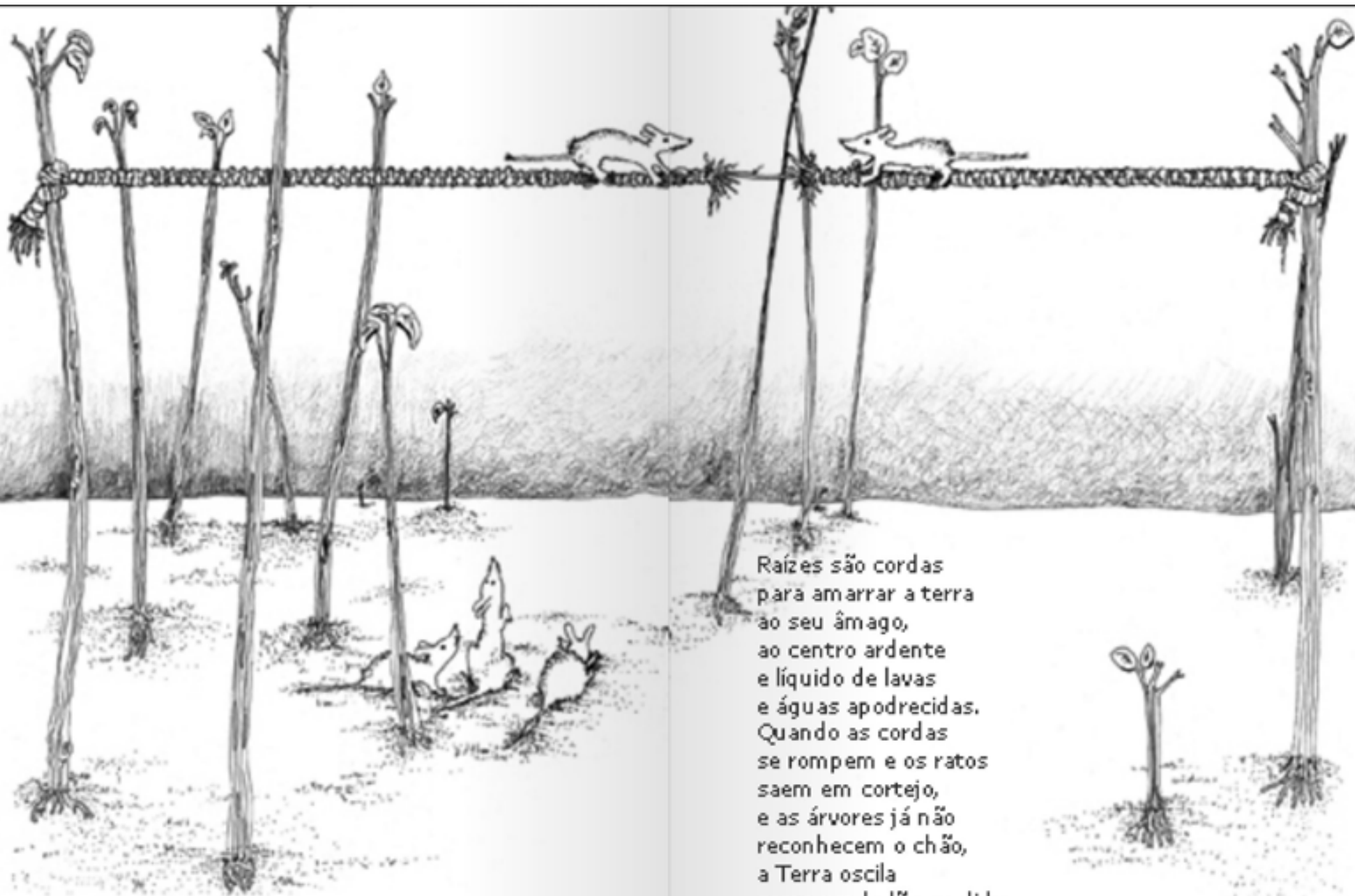
Pós-doutor em Letras Clássicas e Vernáculas (USP), doutor em Poética (UFRJ), mestre em Teoria Literária (UFRJ).

A corda desamarra
o instante
na fronteira entre
o olhar e o horizonte.
O barco é leve sombra
sobre a pele do futuro,
no meio do caminho
entre a chegada e a partida.

No cais a madeira
se encharca, seus nós
são olhos de água.



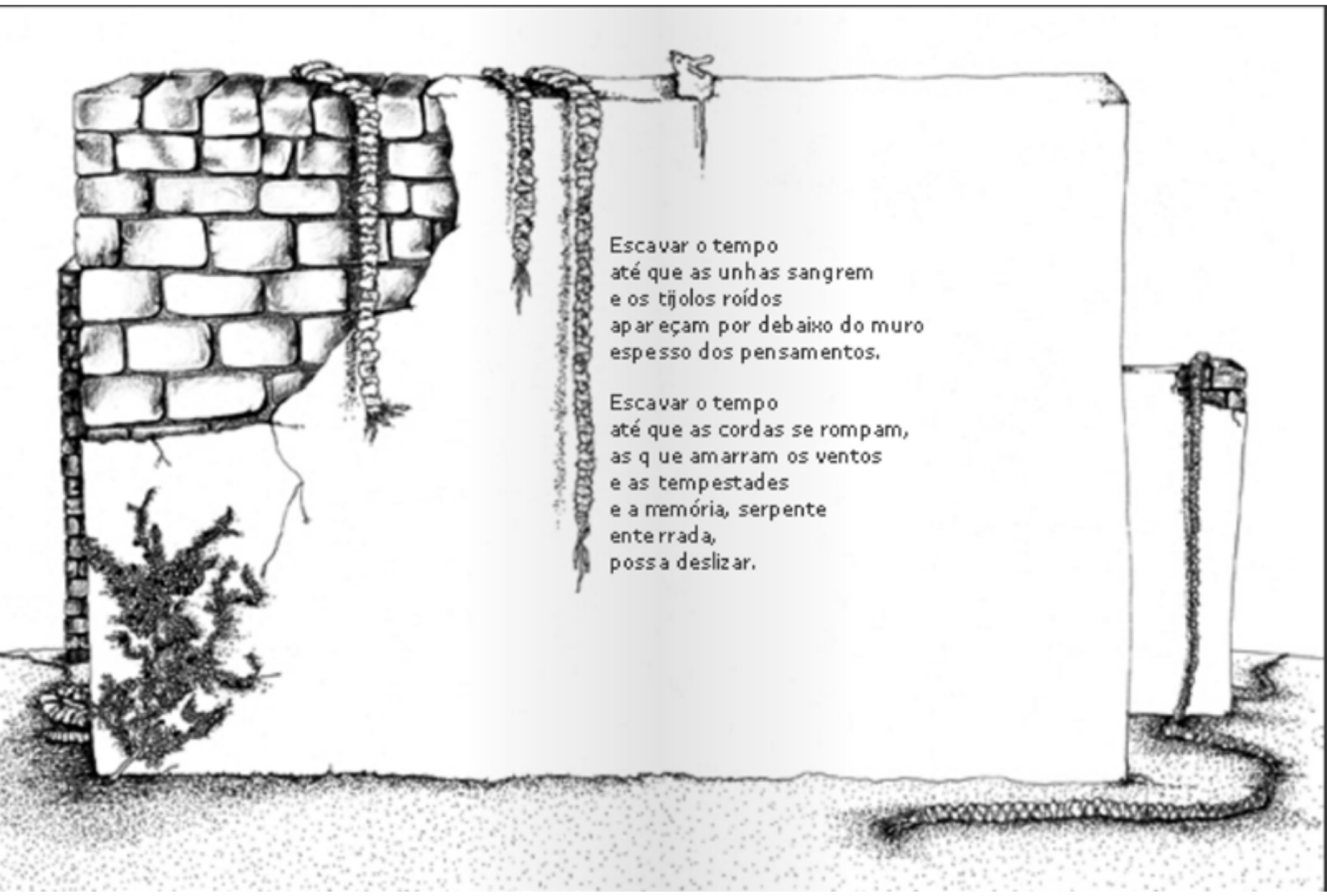




Raízes são cordas
para amarrar a terra
ao seu âmago,
ao centro ardente
e líquido de lavas
e águas apodrecidas.
Quando as cordas
se rompem e os ratos
saem em cortejo,
e as árvores já não
reconhecem o chão,
a Terra oscila
como um balão perdido.

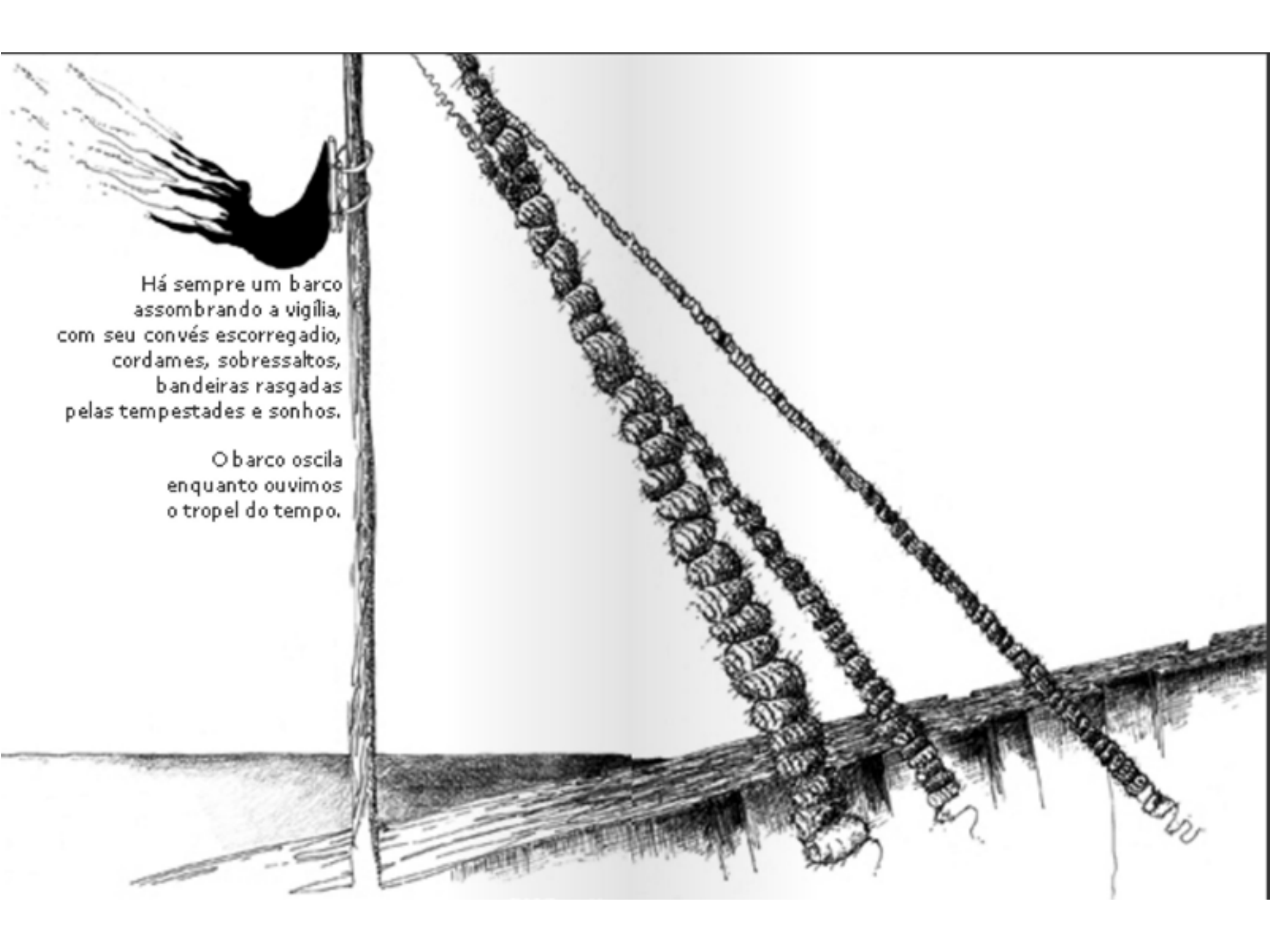
Antes de nascer
herdei um barco
de nome incompreensível.
Em dias de tempestade
ele atravanca meu corpo,
embaralha meus passos,
dos seus porões
escapam ratos e segredos.
Tenho que levá-lo
gentilmente
até um porto de águas calmas,
secar o convés
com panos limpos
e dizer ao menino
que corre em círculos,
horrorizado e perdido
(e que um dia seria meu pai)
que irei guardá-lo
entre as dobras da pele,
entre as dobras de uma memória
que não é só minha,
para que em sua morte
ele possa dormir em paz.





Escavar o tempo
até que as unhas sangrem
e os tijolos roídos
aparçam por debaixo do muro
espesso dos pensamentos.

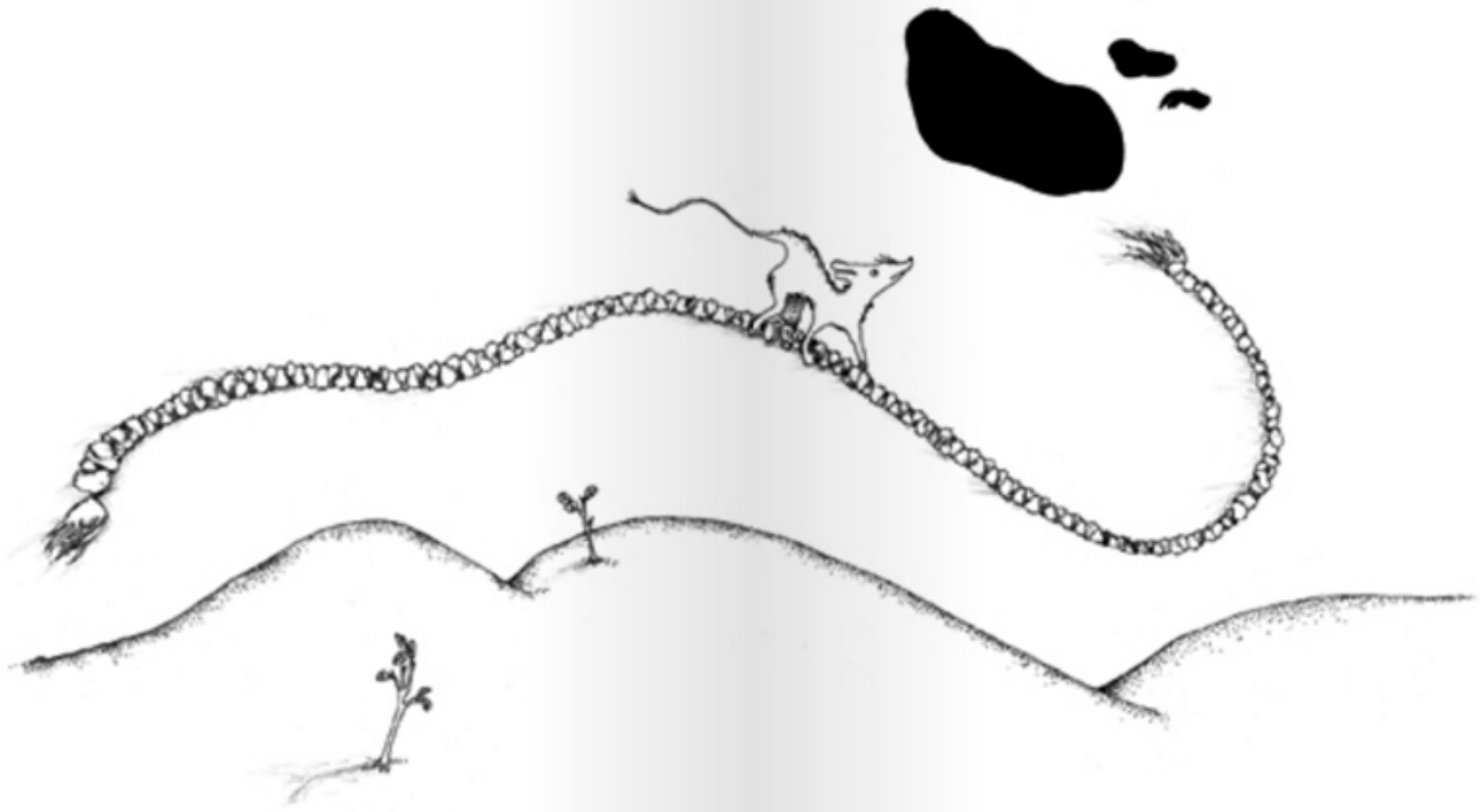
Escavar o tempo
até que as cordas se rompam,
as que amarram os ventos
e as tempestades
e a memória, serpente
enterrada,
possa deslizar.



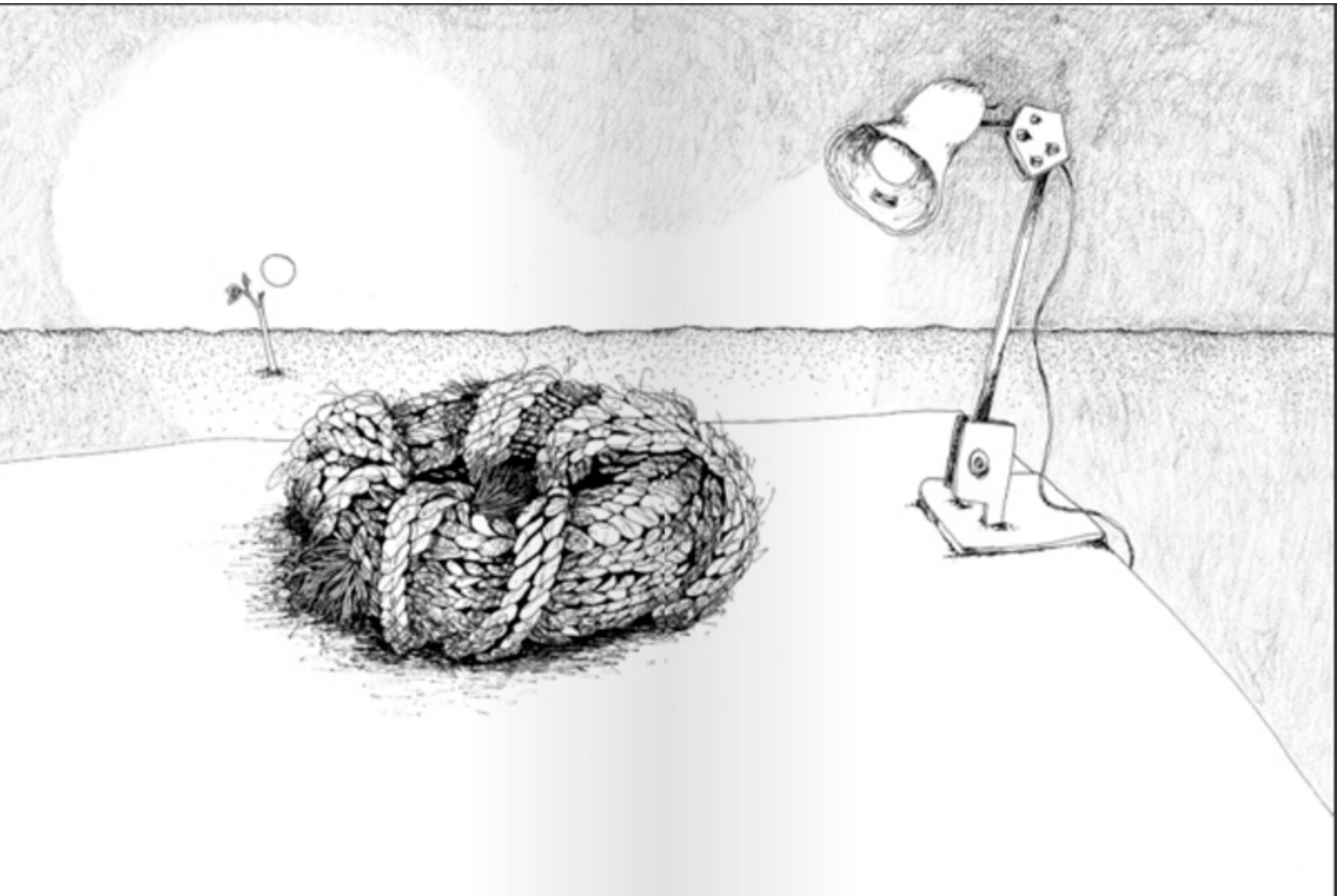
Há sempre um barco
assombrando a vigília,
com seu convés escorregadio,
cordames, sobressaltos,
bandeiras rasgadas
pelas tempestades e sonhos.

O barco oscila
enquanto ouvimos
o tropel do tempo.

Flutua o horizonte
sobre o tempo
e as ilusões partidas.
O olhar apascenta nuvens,
montanhas e distâncias
e uma corda roída
tenta amarrar lembranças.



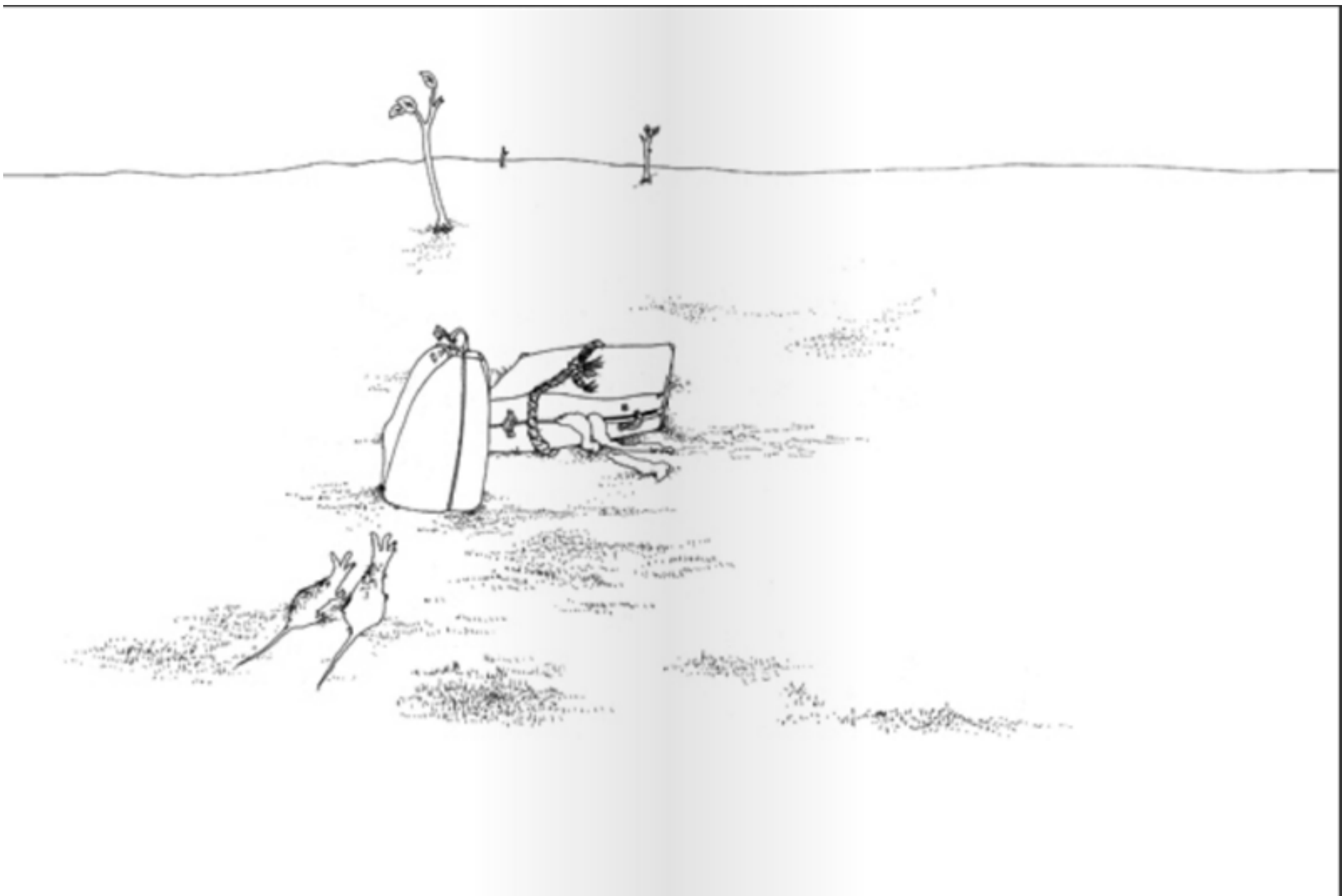
Acendam as luzes,
arrumem o palco
para a vida:
o sol já se desmancha
e a trança dos dias,
cada vez mais espessa,
se alimenta de tempo.
Há que dançar
até o último minuto,
até gastar os sapatos
e fazer os mesmos gestos,
medidas, que ontem.
Há que sorrir na frente
do espelho e chorar
e rodar junto com a Terra.
Apaguem as luzes,
desarrumem o palco:
as cordas já não sustentam
o cenário.



A mala do viajante
para guardar pedaços
quebrados de vida,
como dentro de um relógio antigo
se arrumam os dias perdidos
e dentro do mar os naufrágios.

A mala para guardar
o reboco
das casas desaparecidas
no fundo da memória,
uma aldeia inteira e seus violinos,
seus cofres abertos, seus mortos.

A mala para guardar
o que já não existe mais,
a pele das fotografias desbotadas,
a corda que une os abismos.

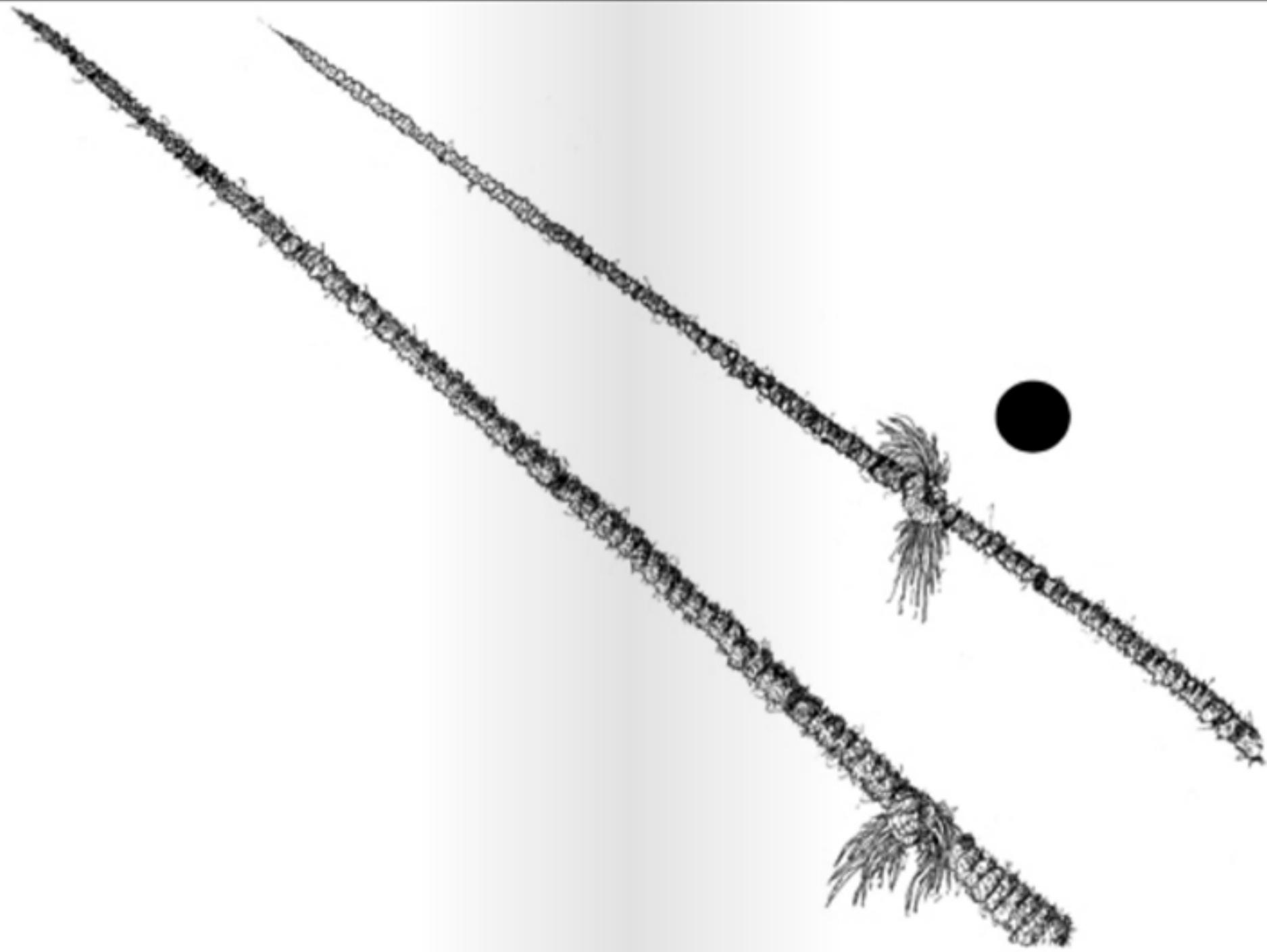


Para alçar vôo
preparo cordas e alçapões,
ando em círculos,
afio as asas.

Dos pássaros sei a solidão
sobre o mar,
dos anjos a secura
dos desertos
e o dom das sílabas guturais.

Num impulso experimento
o ar e suas armadilhas,
os casulos de tempo.

Ser apenas humana e mortal
e mergulhar.



Quando tudo o que se pode
oferecer,
tudo o que a alma fabrica
são flores semi-vivas
num jardim desolado,
quando ao invés de uma guirlanda
de girassóis
só pétalas descoloridas,
frágeis raízes
e um chão sem alimento,
quando a corda do enforcado
habita nossa garganta,
é hora de partir.



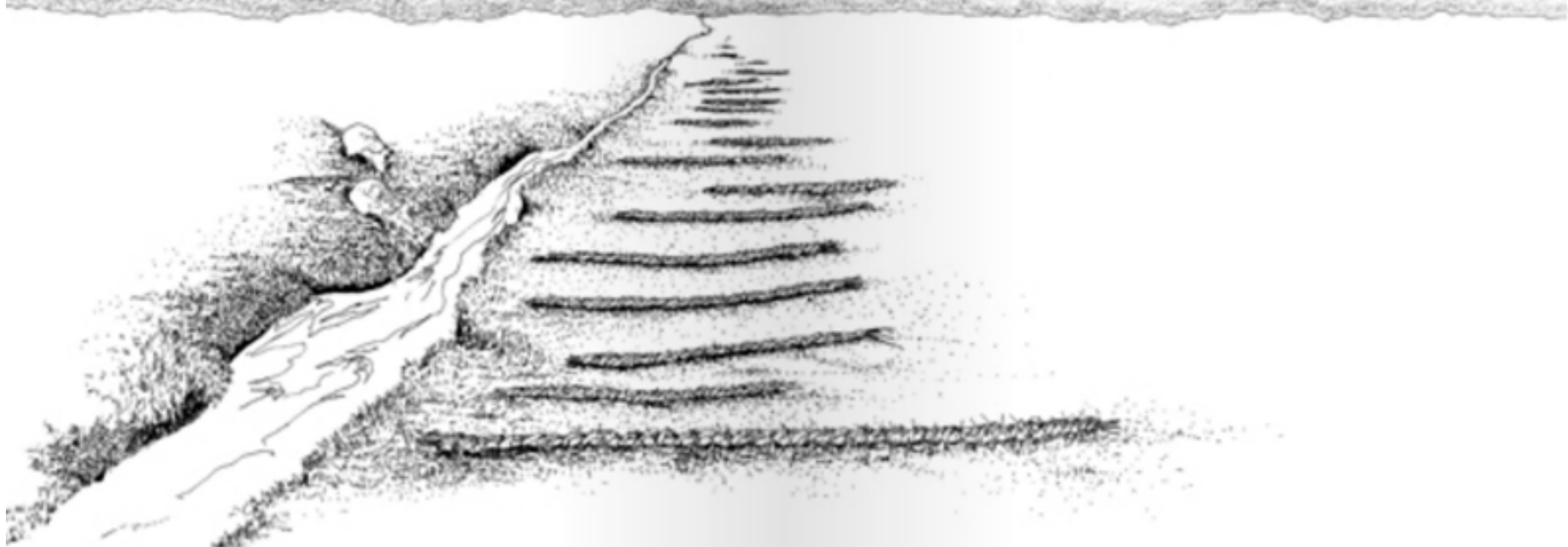
O rio corre
por dentro da alma,
atravessa aldeias ancestrais,
cidades perdidas,
lâmpioes quase apagados,
os sonhos dos mortos.

Vem de longe,
desde o começo do mundo
com sua água sonora
carregada de palavras,
com suas pedras ásperas
polidas pouco a pouco
pelo tempo imóvel.

Vem o rio
e nas margens da alma
abandona as cordas,
as que não prendem mais.

Quando a vida
é uma ruazinha
de lampiões apagados,
uma esquina desbotada
bruxuleando na memória,
uma ponte escorregadia
sobre um rio seco,
é hora de refazer os nós.

Quando no espelho
nosso olhar
é um cântaro
que não conhecemos,
é hora de refazer os nós.



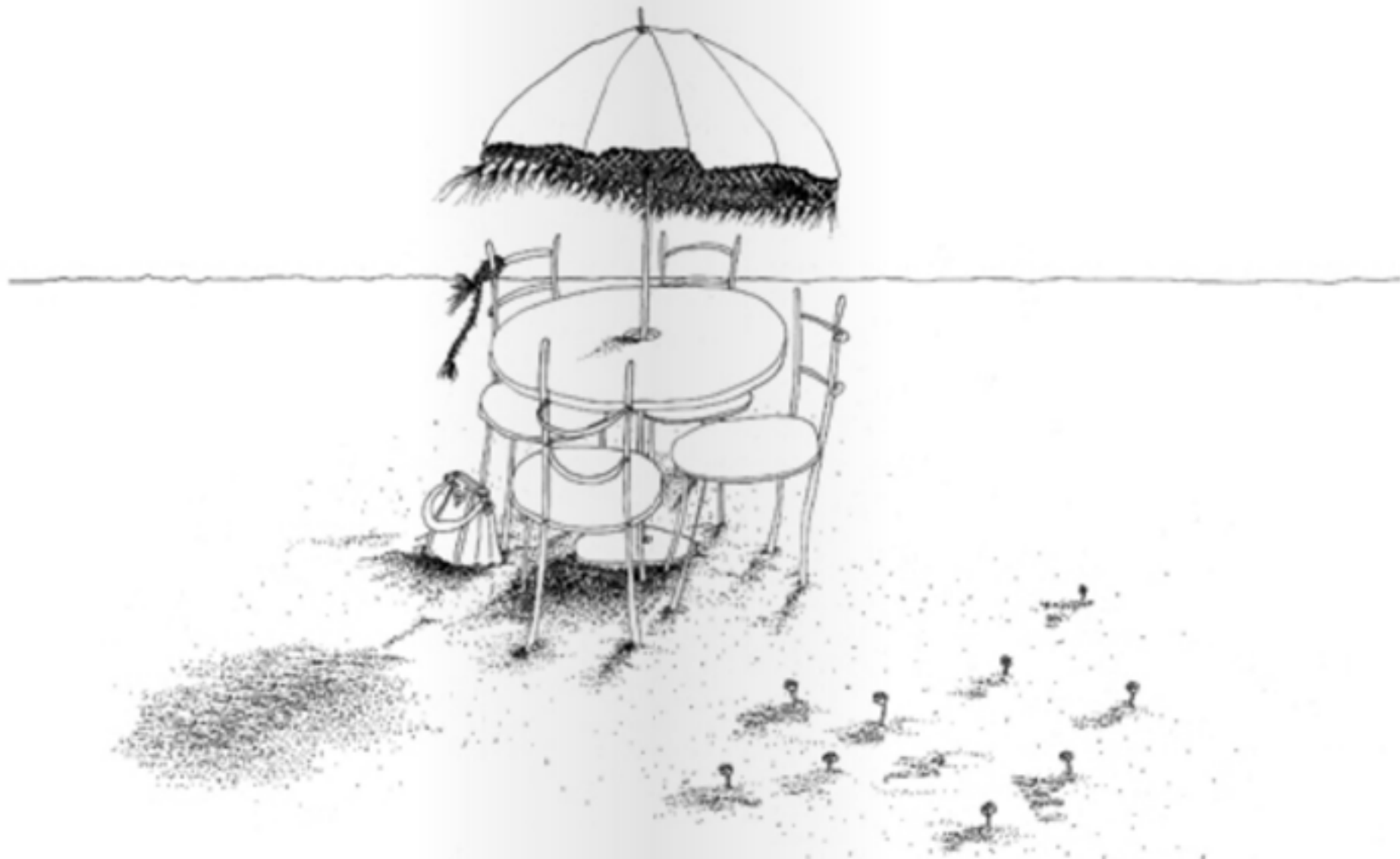
Chegam os primeiros acordes
do verão,
as cigarras ferem a pele
e o céu fabrica
facas de luz.

Chegam as primeiras
andorinhas,
acordam nosso desejo
de mar,
trazem no vôo
terras distantes,
faróis solitários.

Chega o verão
e os flamboyants incendeiam
as ruas da memória,
quando, distraídos,
vagamos pela cidade
dentro da cidade,
a que só existe
amarrada na lembrança.

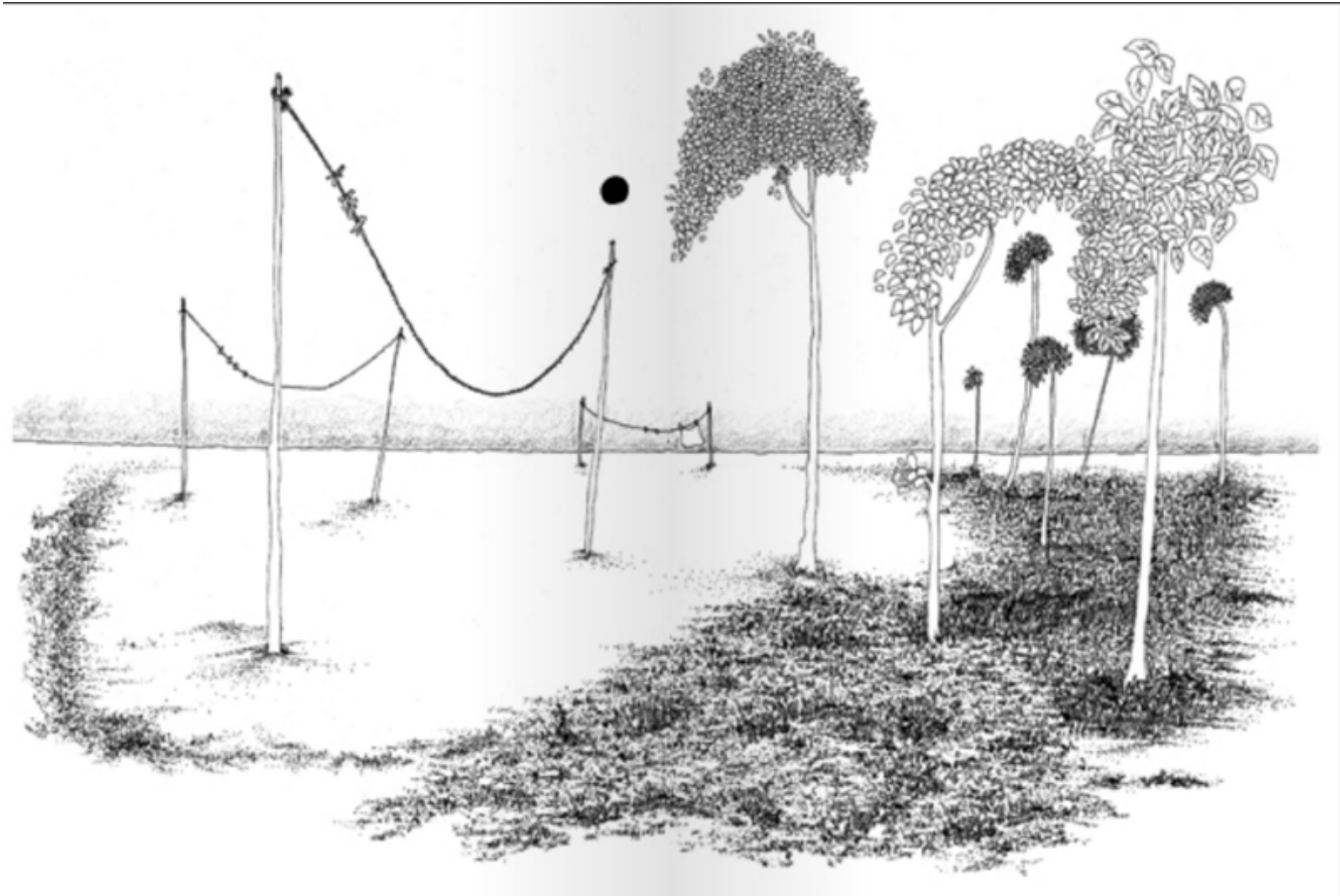


Ouçó o sino quebrado
da memória,
seu chamado de ave rouca:
basta desfazer dois nós
da corda que ata
uma linhagem de mulheres
andarilhas
e a encontro na beira
do poço,
numa aldeia longínqua,
a que um dia seria
minha avó.
Tem as mãos grossas
de fabricar o futuro:
com dois filhos agarrados
na saia,
ela me vê num outro tempo
entre seus pertences.

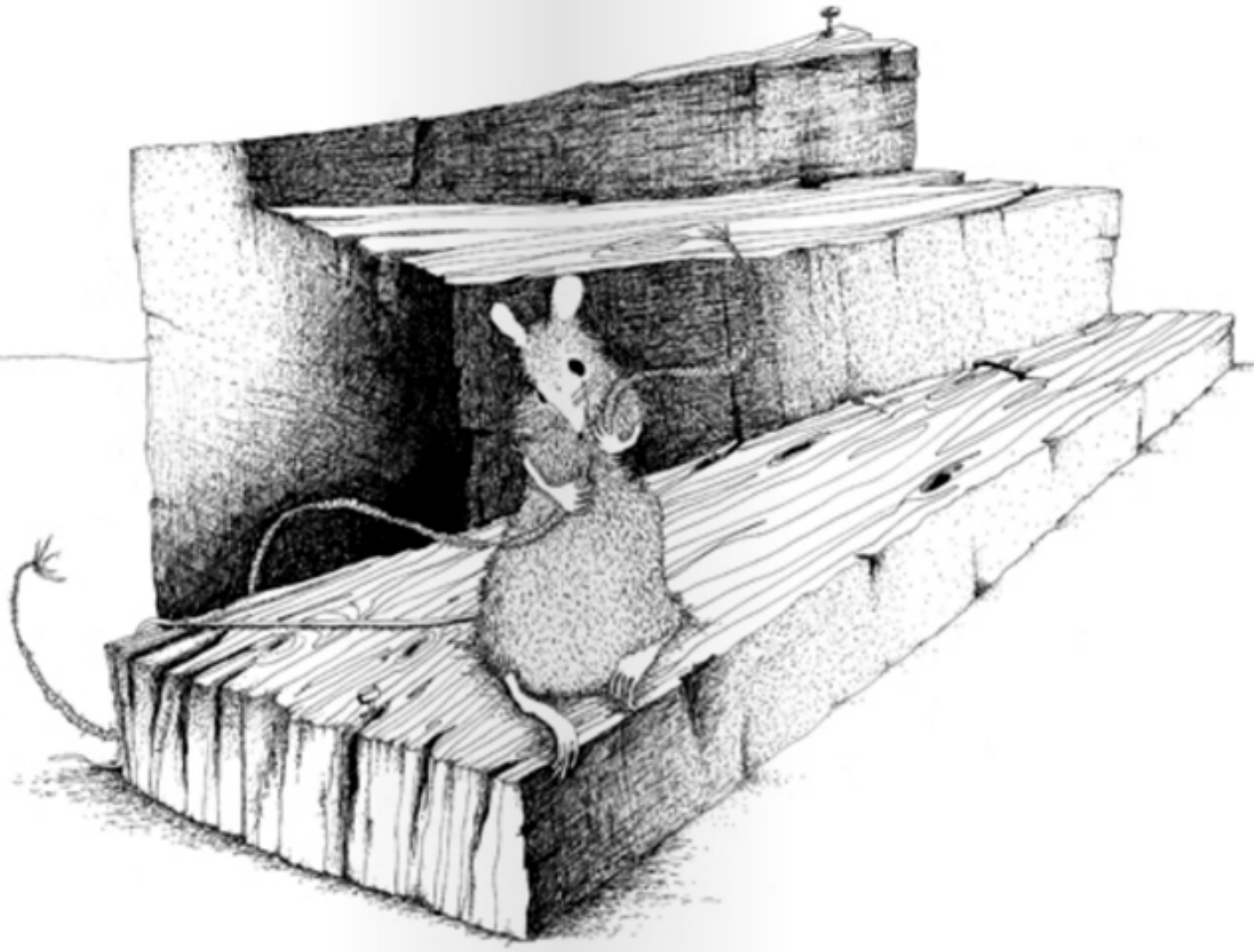


Nos intervalos do silêncio
pássaros se equilibram,
constroem um caminho
no ar.
A lua embrulha a noite
com lava fria e prata.

Ao longe a cidade
invisível
tece suas armadilhas.



Um desenho em preto e branco
fala do casarão ausente,
de um tempo de lampiões
e amores clandestinos
como barcos ancorados
na bruma.
Só restaram as escadas
e um som imaginário
de passos na madeira.





Na mata o silêncio
cobre as folhas:
todas as palavras
que não foram ditas,
as que ficaram presas
no fundo da garganta
aqui habitam,
metade terra-metade ar.
As que mudariam
o rumo de uma vida,
as que se perderiam,
as que se desmancharam,
as que nem nasceram.

Quando eu morrer
me amarre em teu corpo
com as vigorosas cordas
da palavra,
quando eu for só palavra
me amarre em teus olhos
com as frágeis cordas
da memória,
quando eu for apenas
uma fragrância longínqua,
toque os sinos
da minha poesia
para lembrar.



Variações sobre silêncio e cordas é uma criação conjunta de Roseana Murray e Elvira Vigna. Sua edição em papel, restrita e artesanal, ficou ao encargo de mr. papel, Visconde de Mauá, maio de 2008.

Encomendas diretamente com **Maurício Rosa:**
mr.papel@gmail.com
(0XX) 24 3387 1539